



## O GÊNERO RESENHA COMO POTENCIALIZADOR DA EXPRESSÃO LITERÁRIA NA ESCOLA

SCRIMIM, Polyana Sampaio da Silva<sup>1</sup>  
MIGUEL, Ely Alves<sup>2</sup>

**Resumo** - O presente artigo discute a importância da leitura literária na escola e a utilização do gênero resenha como atividade motivadora dessa prática. Como menciona Cosson (2014), após a leitura de um texto, há a necessidade de uma apreciação, de um posicionamento a respeito dessa obra e a resenha surge como uma estratégia significativa de compartilhamento de informações em relação ao texto lido, principalmente no campo da literatura. Para Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), resenhar implica em resumir e opinar, de maneira argumentada, com base no texto original. Aliás, a leitura literária é polissêmica. Isso propicia a identificação de diferentes leitores com o mesmo texto e, conseqüentemente, a produção de sentidos distintos, a partir das diferentes possibilidades de cada leitor interpretar a mesma obra. Desse modo, a escrita e divulgação de resenhas na escola proporciona a valorização do trabalho dos alunos escritores, incentivando novos leitores a fazer parte dessa atividade. Todavia, ler textos literários, de maneira autônoma, e divulgar esses conhecimentos nos vários espaços de circulação, nos formatos adequados, constituem desafios para profissionais, família e sociedade.

**Palavras-chave:** Leitura. Literatura. Resenha.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é uma das formas mais eficazes de obtenção do conhecimento e, quando a busca por esse saber se faz de maneira voluntária, os resultados obtidos tendem a ser mais proveitosos. Despertar o prazer pela leitura não é tarefa considerada fácil. Isso é agravado com a ascensão e expansão das novas tecnologias, consideradas mais atrativas aos jovens do que livros impressos, requerendo, por parte do professor, mudanças na sua metodologia de trabalho.

Nesse sentido, é importante considerar que muitos alunos leem os livros sugeridos, de maneira forçada; portanto, raramente incorporam esse tipo de atividade em suas rotinas,

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, UNEMAT *Campus* Sinop-MT. Professora de Português Instrumental do Curso de Administração, UNEMAT *Campus* de Juara. Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Luiza Nunes Bezerra - Juara/MT. Email: polyanascrimim@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Estudos de Linguagem – MeEL/IL/UFMT. Professora - Educação Básica - nas Escola Estadual Nivaldo Fracarolli e CEJA José Dias – Juara/MT. Email: profa.ely.miguel@gmail.com



concretizando, desse modo, escolhas particulares. Alguns até, por conta da obrigatoriedade desse tipo de leitura, criam uma aversão a essa atividade. Com base nisso, a escola, como a responsável pela formação literária desses alunos, apesar de muitas limitações, utiliza diversos meios para que todos eles (ou, pelo menos, a grande maioria) se tornem leitores proficientes de textos dessa esfera.

Considerando que os gêneros constituem, no momento atual, referências para o processo de ensino e aprendizagem, dadas as formas de analisar textos nessa perspectiva, a resenha pode proporcionar a interação entre determinado grupo com interesses comuns e possibilitar, ao leitor, expressar-se fazendo o julgamento que avalia ser o mais adequado. Isso porque a resenha permite ao autor enunciar sobre a obra, emitindo pareceres, os quais poderão representar visões de mundo, questões ideológicas, experiências cotidianas e emocionais, entre outros aspectos. Em razão disso, o gênero pode ser uma escolha significativa para possibilitar mudanças no cenário dos que rejeitam a literatura, motivados por razões subjetivas ou por desconhecimento da multiplicidade do universo literário.

Com base nisso, neste texto: a) pontuamos algumas reflexões sobre o tratamento dado à leitura literária, apontando alguns desafios de ordem prática, intercalando sugestões para melhoria desse processo; b) indicamos a resenha como uma alternativa para fomentar a expressividade autoral dos alunos, uma vez que o gênero permite aliar conhecimentos das obras à pontos de vista; c) tecemos considerações sobre a importância do trabalho com a Literatura, lembrando que o desafio é de vários segmentos (não apenas do docente), sem excluir, é claro, o grande papel dos professores nessa tarefa.

## **2. A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO**

Partindo do viés de leitura como uma questão social, Kleiman (2007, p. 9) afirma que:

O professor que adotar a prática social como princípio organizador do ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são essas práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para a comunidade. A atividade é complexa porque ela envolve partir da bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologicizada e letrada.



Desse modo, tornar significativos os conceitos ensinados requerem engajamento por parte do educador e de toda a comunidade escolar, para o pleno conhecimento do contexto de atuação. Esses dados, obtidos com base no conhecimento da realidade, possibilitarão também, além da inclusão dos alunos em atividades tipicamente literárias, o confronto com a diversidade de culturas locais e globais, coexistindo ao desafio de fazer com que as ações pretendidas e desenvolvidas sejam, de fato, relevantes, considerando as especificidades do grupo para o qual a proposta está desenhada.

Cosson (2014, p. 99), ao falar das práticas da leitura literária, salienta que:

O conhecimento dos vários modos de leitura literária é importante não apenas porque evita desencontros de expectativas entre professor e aluno, mas também porque indica a necessidade de uma maior abertura no tratamento do texto literário dentro e fora da escola. Os modos de ler [...] pretendem demonstrar que a leitura literária não tem apenas um caminho e que o diálogo da leitura pode ser iniciado de diversas maneiras. Do mesmo modo, esse diálogo pode ser efetivado por meio de várias atividades.

Com base nas considerações do autor, podemos dizer que, a Literatura, muitas vezes, é colocada em segundo plano ou como mero apêndice do conteúdo de Língua Portuguesa, por parte dos próprios professores. Assim, torna-se uma disciplina optativa que, motivada pela pouca dedicação ou medo de sair da zona de conforto, em função dos anos de trabalho do professor com foco nos conceitos linguísticos, acaba por tirar dos jovens o prazer do hábito de ler. Além disso, as aulas com raras inserções de opções tecnológicas atuais, motivadas, muitas vezes, pela insegurança do docente frente aos desafios de ensinar numa lógica mais interativa, ofusca o gosto daqueles que têm a escola como único meio de acesso às obras, com estilos diferenciados dos comumente difundidos nas práticas sociais cotidianas.

Vale destacar que, a ausência da leitura analítica (entendida como aquela que exige reflexão) na vida dos alunos brasileiros faz com que eles, não compreendam o que estão lendo, tampouco façam relação entre as múltiplas informações recebidas, tendo, com isso, inúmeras dificuldades em responder aos enunciados explicitados, inclusive de posicionar-se criticamente frente ao que leem.

Para sanar essa lacuna, é relevante que o docente insira, em seu planejamento de leitura, estratégias que viabilizem diferentes modos de ler, apesar dos desafios já previstos, como possibilidades de sucesso com os novos leitores. Isso exige ousadia profissional na utilização dessas estratégias, porque as chances de reelaboração dessas possibilidades de



ensino, assim como a necessidade de inserção de atividades interativas, são eminentes em função da diversidade presente nas salas de aula.

Sabemos que a riqueza polissêmica da Literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se na monotonia proporcionada pela rotina da vida. Isso só é possível, porque esses textos pertencem à esfera artístico-literária, o que permite uma liberdade autoral distinta de produções de outros espaços.

Diante da complexidade do trato da Literatura na escola, alguns equívocos são mencionados por Cosson (2009, p. 22):

O conteúdo da disciplina Literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes, os seriados de TV e outros produtos culturais, com a justificativa de que um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com muito mais intensidade do que a escrita, não há por que insistir na leitura de textos literários. A cultura contemporânea dispensaria a mediação da escrita ou a empregaria secundariamente. Por isso afirma-se que se o objetivo é integrar o aluno à cultura, a escola precisaria se atualizar, abrindo-se às práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas e raramente incluem a leitura literária.

Nessa direção, a leitura literária deve ser valorizada por produzir conhecimentos, diferentemente de apenas fazer parte do currículo, pois trata de épocas e de estilos de vida, por exemplo, diferentes dos vividos por nós; todavia, importantes para o que somos hoje. Assim, ler por prazer não exclui a aquisição de conhecimentos, uma vez que essa experiência jamais deixa de agregar saberes ao leitor. Sendo assim, privilegiar a cultura literária na escola é, antes de tudo, oportunizar a aprendizagem na sua forma mais ampla, já que o leitor não ficará passivo, mas participará de um processo contínuo de descoberta e autocriação.

Em *O direito à Literatura*, Cândido refere-se à Literatura como algo que tem como principal função a humanização do ser humano. Nas palavras do autor:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p.249).



Assim, ela é temida porque suscita duas tensões: a da força humanizadora e da indiscriminada riqueza de sentidos. Desse modo, o papel da leitura literária é de suma importância para que as deficiências na leitura e na interpretação dos alunos sejam amenizadas. Isso faz sentido, porque a leitura literária não tem obrigação direta com o conhecimento, mas promove-o, pois ensina e humaniza as pessoas.

Em concordância com isso, Cosson (2009, p. 16) aponta ainda que: “a Literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante”. Desse modo, devemos encontrar meios para tornar visível esse fato aos profissionais da área de educação para, efetivamente, podermos apresentar esse conceito aos alunos.

Vale destacar que, caso a Literatura continue a ser vista como desnecessária, por causa de sua subjetividade, os problemas de leitura, como também de escrita, tenderão a aumentar. Com isso, o sonho de tantos educadores - em formar verdadeiros leitores – será limitado, porque, conforme delineado neste texto, a Literatura tem uma riqueza ímpar nesse processo de exploração de várias possibilidades dos textos, especialmente dessa esfera.

### **3. O GÊNERO RESENHA COMO ALTERNATIVA DE EXPRESSIVIDADE DAS LEITURAS LITERÁRIAS**

Inúmeras são as situações em que se deve fazer uso das diversas possibilidades de utilização dos discursos que surgem diariamente. Essa variedade de opções recebe o nome de gêneros textuais, os quais são responsáveis pelo estabelecimento da comunicação entre os indivíduos.

Para Dolz e Schneuwly (2004), o uso dos gêneros textuais aplicados ao ensino funciona como estratégias de ensino e aprendizagem, dado o fato de que a escola, praticamente de modo obrigatório, sempre trabalhou com esses formatos textuais. Nesse sentido, toda a forma de comunicação, incluindo a estabelecida no processo de aprendizagem, é traduzida com linguagens específicas, de modo que o gênero se torna mais que instrumento de interlocução, sendo, contudo, objeto de ensino-aprendizagem nas práticas escolares.

Santos (2012, p. 102-103), ao discorrer sobre os gêneros textuais, aponta o fato de a noção interacional da linguagem ter relação com a concepção de que:



Os gêneros textuais surgem de acordo com as necessidades de comunicação e as modificações sociais. São textos materializados em situações comunicativas recorrentes, textos escritos ou orais encontrados no cotidiano, histórica e socialmente situados, como carta comercial, bate-papo, entrevista de emprego, e-mail, notícia, edital, resenha etc.

Os gêneros circulam em “domínios discursivos”, ou “instâncias discursivas” (jurídico, jornalístico, religioso etc.), e não devem ser concebidos como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social, corporificadas na linguagem.

Com base nessas considerações, a resenha é um gênero que pode proporcionar a interação entre determinado grupo com interesses comuns e possibilitar, ao leitor, expressar-se fazendo o julgamento que avalia ser o mais adequado. Com essas razões, o gênero é promissor para implementar atividades, que aliam dados da obra às avaliações/ponderações/apreciações dos leitores, de maneira expressiva, sendo, portanto, viável para as aulas de Língua Portuguesa.

As resenhas são escritas em diferentes situações de produção e, muitas vezes, podem ser publicadas com outro nome ou sem definição específica, segundo pondera Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004). Nesse sentido, é fundamental, nessa perspectiva dos gêneros textuais, compreender os elementos que caracterizam a situação de produção de cada texto, para compreender suas especificidades e, automaticamente, dominá-lo no tocante à leitura/compreensão/interpretação e à sua elaboração, de maneira autônoma. Os elementos caracterizadores da situação de produção de um texto, segundo Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 30) podem ser: “autor, tema/objeto, objetivo do autor, função social, imagem do destinatário, momento da produção, locais e/ou veículos de circulação do texto produzido”.

Assim, para produzir uma resenha escolar, por exemplo, deve-se levar em consideração para quem está escrevendo. Portanto, o aluno precisa conhecer a obra para aliar o conteúdo do enredo aos comentários apreciativos; estes, advindos da capacidade de opinar sobre um texto, com base em conhecimentos sobre ele. Em outras palavras: “[...] para fazer uma resenha, é preciso resumir e apresentar a sua opinião, de forma argumentada, sobre o texto original” (MACHADO, LOUSADA E ABREU-TARDELLI, 2004, p. 30).

Buscando justificar o modo como a resenha pode ser um excelente instrumento para potencializar a leitura de textos literários, julgamos pertinente citar Rouxel, Langlade e Rezende (2012, p. 8), que, ao tratar da leitura na obra *Leitura subjetiva e ensino de literatura*, alerta-nos:



Permitir a flutuação das impressões singulares das crianças e dos jovens durante a leitura tem sido – e sempre foi – considerado procedimento incompatível com a escola, inócuo e até mesmo prejudicial ao ensino da literatura, uma vez que remeteria a uma subjetividade sem ancoragem no texto – uma “viagem” do leitor aprendiz.

Nessa direção, o trabalho com o gênero resenha, de certa forma, permite essa “flutuação de impressões”, pois dá voz ao jovem leitor para que ele, a partir do conhecimento da obra, exponha aspectos importantes, os quais estarão em consonância com sua realidade emocional e ideológica. Assim, o desenvolvimento de um trabalho dessa ordem em sala de aula pode ocorrer de diferentes formas: a) em pequenos grupos, de acordo com o número de exemplares que a instituição escolar disponibiliza; b) em conversas/diálogos sobre as obras, orientados (ou não) por questões ou tópicos, os quais podem ser elaborados pelos próprios alunos; c) por meio de outro gênero, como o seminário, com exposição de aspectos importantes da obra, utilizando vários mecanismos para ilustrar ou orientar a fala. Lembrando que em um trabalho oral, muitas vezes, podem ser notados aspectos de uma leitura individual, os quais serão externados por meio do compartilhamento de informações, antes do processo de escrita.

Com isso, em um trabalho nessa perspectiva, algumas dicas, seguidas de ponderações, são apontadas por Colomer (2017, p.186):

A análise e o comentário das obras devem tender a priorizar os temas e aspectos que melhor deem conta de seu significado global e não centralizarão em questões de detalhes ou nem sequer aludirão a elas, se tais detalhes não são relevantes para o sentido global e surgem como aspectos anedóticos, como desvios para questões ou conteúdos secundários ou de níveis que podem ser trabalhados em fragmentos e em outros momentos de aprendizagem.

Tendo como referência as indicações da autora, o gênero resenha possibilita tratar os aspectos gerais de uma obra, a partir da busca em determinado material, o qual servirá como fonte segura de pesquisa em relação ao título resenhado. Aliás, conforme sinaliza Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 55) “a resenha é um texto sobre outro texto, de outro autor. Assim, [...] vem acompanhado de comentários”. Em razão disso, produzir esse gênero implica em interpretar o texto original, com a devida contextualização, para, contudo, fazer menções sobre o enredo, em interlocução com posicionamentos pessoais; estes, sustentados por elementos que sejam significativos para o enunciador e para o público também.



Para que isso seja concretizado, é preciso atenção especial a todos os aspectos do gênero, pois requer um trabalho em sala de aula, para familiarização e compreensão dessa forma de enunciar discursos. Para complementar, podem ser encaminhadas, ainda durante o período de aula, atividades de pesquisas em sites que disponibilizem o gênero a ser produzido, além de leituras direcionadas sobre as muitas formas de resenhar expressas nesse momento histórico. Nesse processo, é de suma importância focar no objetivo principal: usar a resenha como mecanismo enunciativo da linguagem literária. Assim, também em sala, leituras, questões escritas e produções podem ser iniciadas, para apontar caminhos e desmitificar a ideia de que a Literatura é restrita aos iluminados; portanto, possível de ser evidenciada, inclusive por meio de resenhas e por pessoas comuns.

Terminadas as produções e com as intervenções realizadas pelo professor, os textos podem ser expostos em algum espaço da escola ou ainda pode-se criar um espaço digital para a divulgação dos escritos, o que certamente cativaria, de modo efetivo, os envolvidos na proposta. Desse modo, ao verem seus textos sendo fontes de consultas de outros alunos, para incentivar os que pretendem ler determinada obra, haveria o reconhecimento de suas escritas, por veredas aplicáveis, necessárias e transformadoras naquele universo em que está inserido. Além disso, essa divulgação contribuirá na escolha ou refutação de determinado livro, em especial para aqueles que ainda não se reconhecem como sujeitos leitores e produtores de texto.

Assim, explorar o texto literário significa discutir sua compreensão e, a partir dela, promover a interpretação por meio das mais variadas atividades. Com isso, o espaço da Literatura na sala de aula é, portanto, um lugar de desvelamento da obra, que confirma ou refaz conclusão, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno, conforme menciona Cavalcante (2012, p. 46):

Os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação, os elementos socioculturais historicamente constituídos, bem como as necessidades específicas solicitadas por certas condições associadas à modalidade (oralidade ou escrita), ao grau de formalismo, à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores, entre outros aspectos.

Nessa lógica educativa, ao serem disponibilizadas resenhas como fonte de pesquisa, o professor estará, de certo modo, considerando o gosto literário de cada um; atitude inversa a proposta de impor os títulos a serem trabalhados, pois respeita-se as escolhas de seus alunos. Afinal, todos nós temos o direito de apreciar (ou não) determinado livro, - este, por mais





respeitado que ele seja na esfera literária - e cabe ao professor saber indicar, analisando o que seria mais apropriado para a turma. Por isso, é importante evitar transformar as aulas de Literatura em momentos exaustivos de atividades repetitivas, para privilegiar a fruição, principal finalidade da leitura literária.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino e seus profissionais têm hoje a difícil tarefa de desmitificar a leitura como atividade difícil e inacessível, uma vez que é uma ação importante para todos os ambientes, inclusive dentro e fora da sala aula. Para isso, é relevante distinguir o ato de ler livremente das obrigações pedagógicas; estas, muitas vezes, distintas de significatividade ou de praticidade explícitas para o público para o qual a proposta é destinada. Sabemos que a escola erroneamente criou uma tendência de sacralizar a noção de leitura como sendo um ócio descompromissado, desligado do trabalho produtivo, e vinculada a determinadas obras clássicas, enquanto outras são desqualificadas.

Apesar desse viés conceitual, é preciso mudanças, no sentido de valorizar as experiências leitoras dos estudantes e de estimular novos leitores, para que todos possam ampliar seus repertórios textuais. Porém, quando a leitura literária tem obrigações apenas escolares e pedagógicas, dificulta o prazer e o interesse dos envolvidos no processo de ensino. Para reverter esse quadro, novas estratégias devem ser utilizadas, principalmente quando os resultados demonstrarem insucesso dos alunos. Vale ainda buscar parcerias, como da família, que frente a realidade posta, precisa assumir o papel de incentivadora, aprendendo a ler com seus filhos, para que cheguem ao ambiente escolar, com esse hábito adquirido. Aliás, embora haja ênfase na escola como formadora de leitores, o compromisso por parte da família é essencial para resultados efetivos no tocante à apreciação de textos literários.

No campo educacional, ao estabelecer a possível relação entre Literatura, leitura e prazer, a maioria dos autores deposita essa expectativa nas características do próprio texto literário. Diante disso, pergunta-se então: o que há de especial no texto literário? Resumidamente, pode-se dizer que há um trabalho ético e estético com a linguagem, o qual suscita o imaginário, desperta as emoções e possibilita a fruição de sentidos múltiplos. Esses aspectos justificam e enumeram as possibilidades desse tipo de texto.



Nesse sentido, práticas que oportunizem o contato dos estudantes com a leitura e com a escrita, permitirão à escola analisar, com maior coerência, os efeitos dessas atividades literárias. Desse modo, o professor poderá analisar o reflexo das leituras realizadas, por meio de escritas, em alguns momentos, podendo, assim, adequar às práticas de leituras literárias, visando obter os resultados intencionados. Todavia, esses resultados devem evidenciar a Literatura e seu caráter humanizador, uma vez que o grande propósito educacional é aliar conhecimentos curriculares às experiências dos sujeitos, com apreciação constante – em suas vidas - de textos dessa esfera, a partir das possibilidades construídas na escola.

### THE REVIEW OF LITERARY GENRE AS POTENTIATING EXPRESSION IN SCHOOL

**Abstract** – This article discusses the importance of literary reading in school and the use of gender review as a motivating activity of this practice. As mentioned Cosson (2014), after reading a text, there is the need for an assessment of a position about this work and the review comes as a significant strategy for information sharing in relation to the text read, particularly in the field of literature. For Machado, Lousada and Abreu-Tardelli (2004), reviewing implies summarize and opine in reasoned manner, based on the original text. In fact, the literary reading is polysemic. This permits the identification of different readers with the same text, and consequently the production of different directions, from the different possibilities of each player playing the same piece. Thus, the writing and dissemination of reviews at school provides the appreciation of the work of writers students, encouraging new readers to be part of this activity. However, read literary texts autonomously, and disseminate this knowledge in various circulation spaces, in appropriate formats, pose challenges for professionals, family and society.

**Keywords:** Reading. Literature. Review.

#### 4. REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura: O esquema de Machado de Assis*. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. *Letramento Literário, teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.



CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, A.B. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. Santa Cruz do Sul: Signo, 2007.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Orgs). *Leitura Subjetiva e ensino de Literatura*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012.

SANTOS, L. W. dos; RICHE, R. C.; TEXEIRA, C. de S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em: 29 de maio de 2016.

Aprovado em: 26 de junho de 2016.